

QUE PLURALIDADE RELIGIOSA É ESSA?

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira¹

Com uma história escrita sob os "olhares e ditames de Roma", o Brasil religioso - católico por natureza - vem demonstrando em seus últimos Censos populacionais que não é mais assim tão católico como antes. O surgimento e o grande crescimento de inúmeras igrejas evangélicas é uma realidade visível em todas as esferas da sociedade brasileira. De acordo com o Censo 2000, o número de pessoas que se denominam evangélicas cresceu de 6,66% na década de 80, para 15,41% . Ou seja, um aumento de mais de 100% em 20 anos.

Todavia, segundo Pierucci (2004), o Censo de 2000 apenas aponta para um Brasil que está mudando de modo contínuo, deixando de ser tão tradicional em termos religiosos. E, ainda assim, enfatiza o autor, o país adentrou o século XXI com 125 milhões de católicos declarados entre os 170 milhões de habitantes.

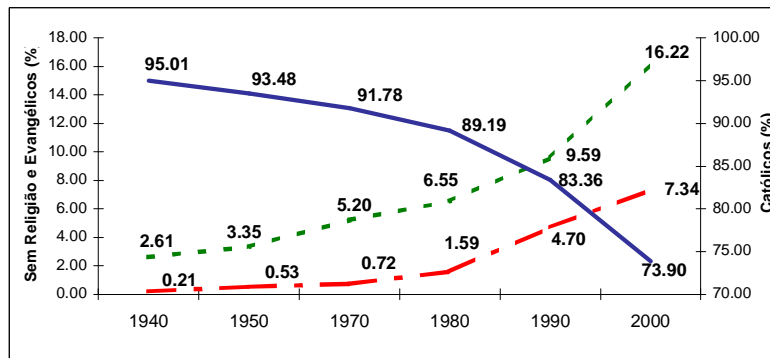
Outro aspecto que merece destaque no campo religioso brasileiro é o de que a pluralidade religiosa no Brasil é um fato. Talvez por ser um fato tão facilmente observável, os dados do último Censo, quando retratam a multiplicidade religiosa, não surpreendem. Nesse sentido, vale a pena destacar a observação de Camurça (2006, p. 37) quando da constatação, por parte dos analistas, da imensa diversidade religiosa brasileira. O autor pontuou a necessidade de uma análise muito mais criteriosa para a realização de agrupamentos que possibilitassem uma melhor categorização das adesões religiosas:

Respondendo à pergunta: "qual a sua religião?", chegou-se a trinta e cinco mil (35.000) respostas diferentes. O trabalho de análise, crítica e classificação desses dados pelo IBGE com a consultoria do Iser² logrou eliminar repetições e erros de denominação para se chegar a 500 respostas, que devidamente reagrupadas e "enxutas" redundaram numa tipologia de cento e quarenta e quatro (144) classificações de diferentes religiões no Brasil, incluindo os "sem religião" e os de "religião não determinada".

Na verdade, quando nos debruçamos para uma análise mais detalhada do que nos mostram os números coletados em 2000, percebemos que em períodos anteriores, contando a partir de 1940, os resultados já estavam sinalizados de maneira bem clara, inclusive, remetendo também para este fenômeno pouco considerado que é o crescimento dos que se declaram sem religião³.

Evolução das Crenças no Brasil - 1940 a 2000

População Total



Fonte: CPS/ IBRE / FGV a partir dos Censos do IBGE

Destarte, segundo os números do IBGE, mesmo ainda mantendo o título de maior nação católica do mundo, com aproximadamente 126 milhões de fiéis, cerca de 74% da população do Brasil, os católicos têm experimentado um contínuo e significativo declínio em seu número de adeptos. Todavia, pela própria amplitude territorial do país, observamos variações em maior ou menor grau, dependendo da região. Por exemplo, o Nordeste é hoje, de acordo com o Censo, a região mais católica, com 80,1% de confessos. Fato comprovado facilmente quando se verifica que, dos dez estados com maior número de católicos, os primeiros lugares estão justamente na região Nordeste. A região Sul fica com o segundo lugar, com 76,7% de católicos declarados, seguida pela região Norte com 72,1%. Logo depois, na quarta posição em número de fiéis, vem a região Sudeste que conta com 69,7% da sua população total de pessoas declaradas católicas, tendo o Rio de Janeiro como o estado onde o catolicismo apresenta sua perda mais significativa, à medida que sai do patamar de 67,7% para 57,2% de confessos, enquanto também experimenta a realidade de ser o estado onde os “sem-religião” mais cresceram. Em quinto e último lugar, entre a população de católicos, está a região Centro-Oeste, com os nada irrisórios 68,8% de confessos.

De igual forma, as informações do Censo também sinalizam, como mencionado anteriormente, para o crescente quantitativo de grupos específicos, como é o caso dos “sem religião”, que são contabilizados em 7,4% da população brasileira. Estes, de acordo com Pierucci (2004) podem ser definidos como os que estão desencaxados de qualquer religião, desfiliaados de toda e qualquer autoridade religiosamente constituída. Ou seja, são os indivíduos que não se curvam a nenhuma autoridade religiosa. Entre os agrupados como os “sem-religião”, as regiões com maior número de não-adesões religiosas é o Sudeste e o Centro-Oeste, já que ambos alcançam o patamar de 8% de declarações, considerando-se a população total. Em seguida temos, pelos resultados

do Censo do IBGE, o Nordeste e a população dos “sem religião” na ordem de 7,8%, a região Norte com 7,0% e, por último, a região Sul com 4,1% de pessoas que não professam religião alguma.

Entretanto, quando verificamos este fenômeno dos “sem religião” não podemos deixar de considerar as observações feitas por Guerriero (2004) quando pontua que as categorias utilizadas pelo Censo, nem sempre facilitam a nossa tarefa de análise. O autor postula que é justamente nos agrupados como os “sem religião” (7,4%) da população brasileira, que podemos, via observação empírica, encontrar adeptos dos novos movimentos religiosos – NMR:

Há uma tendência, hoje, em negar o pertencimento a qualquer tipo de instituição religiosa e afirmar autonomia do sujeito, livre do comando de qualquer tipo de autoridade religiosa. Assim, muitos dos que responderam “sem religião” ao IBGE, podem, em tese, ter alguma prática e algumas crenças, principalmente aquelas apontadas por Leila⁴ ligadas ao desenvolvimento do corpo e da mente. Infelizmente esses dados não nos chegam pelo Censo. (Guerriero, 2004, p.160)

Nessa vertente, não se torna difícil identificar que tal ênfase pode ser vista nas buscas dos indivíduos, inclusive estimuladas pelas mídias de massa no Brasil, pela transformação pessoal através de “técnicas” como ioga, danças sagradas, oráculos, meditações transcendentais etc, técnicas estas que focam no corpo, como uma “via de salvação mística”, na terminologia weberiana. (Guerriero, 2004).

A preocupação não é de ordem moral, mas sim um aperfeiçoamento individual. A salvação está neste mundo e passa pelo bem estar corporal: boa saúde, bem estar geral (aí entram o pensamento positivo, as meditações, as técnicas corporais, do in, massagens, reike etc). O holismo, palavra chave entre os adeptos, é sinônimo da visão monista empregada. Deus está em tudo e não se vê separação do corpo e do espírito, do homem e da natureza. (Guerriero, 2004, p. 166).

De fato, um Brasil plural se descortina ao observarmos os dados levantados pelo IBGE, tão somente porque não se trata de poucas opções de crença, mas sim, como bem argumenta Antoniazzi (2003, p. 77), de indivíduos que não aderem mais às religiões institucionalizadas, reduzindo-as a sentimentos pessoais, íntimos, não acompanhados pela participação em comunidades ou instituições religiosas.

Entretanto, se a preocupação for para revelar números com a representatividade capaz de mensurar o perfil religioso brasileiro, esta representatividade estará reduzida a basicamente três blocos:

O primeiro diz respeito ao catolicismo, religião majoritária no país, que passou de 121,8 milhões de membros computados pelo Censo de 1991 para 125 milhões em 2000, mas que, todavia, em termos percentuais, caiu de 83,8% para 73,8% da população. O segundo, aos evangélicos,

que de acordo com os números deste último Censo quase dobraram sua quantidade, de 13 milhões em 1991, o que correspondia 9,05% da população, para 26 milhões, ou seja, um percentual de 15,45% da população. Dentre os evangélicos, vale a pena ressaltar a predominância pentecostal, pois apenas eles correspondem a 17 milhões do contingente, respondendo por 10,43% do percentual de evangélicos. E o terceiro, aos que se nomeou de “sem religião”, que passaram de 6,9 milhões para 12,3 milhões, ou seja, de 4,8% para 7,3%. (Camurça, 2006, p. 37)

Com efeito, se a observação for feita apenas a partir dos grupos representativos citados acima, a nossa pluralidade religiosa resume-se a uma visão binária, como argumentou Pierucci (2006): “o gato comeu” a pluralidade de crenças no Brasil. O autor lembra que há três décadas atrás, os três maiores grupos religiosos eram os católicos, os protestantes e os espíritas. Hoje, o perfil religioso brasileiro demonstra que os maiores contingentes de adeptos estão entre *católicos*, *evangélicos* e *sem religião*, e em conformidade com o que diz Pierucci (2006), em seu texto “Cadê a nossa diversidade religiosa?”, se for retirado do pódio os “sem religião”, já que, como a classificação do IBGE mesmo pretende mostrar, não professam religião alguma, sobram apenas aqueles que se declaram ou católicos ou protestantes, ou seja, somente “cristãos”, no sentido literal da classificação:

Vejamos mais de perto o que traz o Censo: 73,8% dos brasileiros são católicos, 15,4% são evangélicos e logo a seguir, por ordem de tamanho, vêm os sem religião com 7,3% de autodeclaração. Olhando-se para a soma de 96,5% que isso dá, pode-se constatar, não sem algum espanto, onde diabos foi parar aquela fabulosa diversidade religiosa de nossa religiosíssima população – numa apertada faixa de 3,5%. Todas as outras modalidades religiosas que não as católicas e evangélicas se acotovelam nessa faixa, que é mais do que estreita. É estreitíssima. Claro que é grande a quantidade de outras religiões citadas pelos entrevistados, e o Censo as discerne nominalmente, mas nelas se congregam populações muito pequenas, para não dizer ínfimas. (Pierucci, 2006, p. 50).

Na realidade, e isso não podemos negar, mesmo que consideradas comparativamente só em termos percentuais, as religiões no Brasil, demonstram uma pluralidade real. Há uma ampla variedade delas na lista de religiões contabilizadas pelo Censo do IBGE, só que estas religiões estão distribuídas entre menos de 6 milhões de brasileiros, parcela pouco significativa diante de um contingente de 170 milhões de pessoas, conforme o quadro abaixo:

Tabela 1 – As religiões no Brasil em 2000⁵

RELIGIÃO	NÚMERO ABSOLUTO	%
Católicos	124.976.912	73,77
Evangélicos	26.166.930	15,44
Protestantes históricos	7.159.383	4,23
Pentecostais	17.689.862	10,43
Outros evangélicos	1.317.685	0,78
Espíritas	2.337.432	1,38
Espiritualistas	39.840	0,02
Afro-brasileiros	571.329	0,34
Umbanda	432.001	0,24
Candomblé	139.328	0,08
Judeus	101.062	0,06
Budistas	245.870	0,15
De outras orientais	181.579	0,11
Muçulmanos	18.592	0,01
Hinduístas	2.979	0,00
Esotéricos	67.288	0,04
De tradições indígenas	10.723	0,01
De outras religiosidades	1.978.633	1,17
Sem religião	12.330.101	7,28
Declaração múltipla	382.489	0,23
BRASIL(*)	169.411.759	100,0%

(*) Não inclui 387.411 casos de religião não declarada, que correspondem a 0,23% da população residente total de 169.799.170

Outra questão que devemos ter em mente, na análise do panorama plural religioso do país, é que um bom número de brasileiros frequenta práticas religiosas de vários cultos. Nos dados do Censo este patamar é apontado como indivíduos com “declaração múltipla”, na ordem de 382.489 pessoas, o que representa 0,23% da população. Antoniazzi (2003) lembra que em uma pesquisa do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais - CERIS⁶ nas seis maiores regiões metropolitanas do Brasil, os resultados indicaram que 25% dos entrevistados frequentam mais de uma religião, e cerca de metade deles (12,5% do total) o fazem sempre. O autor enfatiza que o Censo não considera esses fenômenos de dupla (ou mais...) pertença, nem muito menos a peculiar mistura de várias religiões:

Difícilmente um sociólogo ou um antropólogo reduzirá os adeptos de Umbanda e Candomblé, em todo o Brasil, a pouco mais de 570.000 indivíduos (0,33% da população!), como faz o Censo 2000. Certamente há muitas pessoas frequentando estes cultos, ao menos ocasionalmente, mas que não se declaram “umbandistas”. (Antoniazzi, 2003, p. 75)

Obviamente, a liberdade religiosa que assistimos nos últimos tempos e a estruturação da sociedade moderna, favorecem tanto o crescimento dessa pluralidade religiosa, quanto o abandono da religião formal. Antoniazzi (2003) lembra que Berger (1985) ressaltou, que a sociedade moderna e urbana tem obrigado as pessoas provenientes de sociedades tradicionais ou rurais àquilo que ele chamava o “imperativo herético⁷”. Em outras palavras, a sociedade moderna vem exigir dos seus

componentes uma “heresia”: Eles não podem permanecer simplesmente na religião tradicional. Ou fazem a escolha de permanecer nela, mas em termos renovados, modernos, urbanos, ou passam a outra religião, também adaptada ao mundo moderno, não puramente tradicional. (Antoniazzi, 2003, p. 78).

A rearticulação que temos assistido e contabilizado no campo religioso brasileiro, sugere, portanto, uma observação mais criteriosa da pluralidade de crenças com suas peculiares mudanças, presentes nos contextos social, econômico e cultural do país.

Muito embora os aspectos econômicos e sociais sejam também desencadeadores de mudanças religiosas, é importante ressaltar que, historicamente no Brasil, é perceptível, desde um certo tempo, um distanciamento entre o catolicismo nominal, fruto de uma tradição passada automaticamente de pais para filhos, do catolicismo praticante. De modo óbvio, a queda contabilizada pelo Censo no número de católicos romanos, se deu em maior parcela, nos que eram apenas herdeiros da tradição religiosa. O que na realidade não reflete uma grande perda, já que interessa muito mais a qualquer denominação, não necessariamente os que são contados nominalmente, mas os que, de fato, dela participam. Para a própria Igreja católica torna-se muito mais relevante o conhecimento do quantitativo de seus membros efetivos, do que os dados numericamente impressionantes de uma nação tida por católica, resultados meramente enganosos de uma “pertença” aparente e formal.

Com efeito, as peculiaridades de um Brasil religioso, cada vez menos católico, não são reveladas da noite para o dia. É verdade que tais variações são observadas de forma mais palpável depois de 1980, todavia, o movimento de redução do catolicismo está ocorrendo de forma significativa pelo menos desde a década de 40, nos fazendo refletir qual é o conjunto de fatores fundamentalmente desencadeadores da instauração do processo de “descatolização” brasileira.

QUADRO 2 – Católicos, evangélicos e sem religião – entre 1940 e 2000

ANO	CATÓLICOS (% e 000 abs ^B)	EVANGÉLICOS (% e 000 abs)	SEM RELIGIÃO (% e 000 abs)
1940	95,2 39.177.880	2,6 1.074.857	0,2 87.330
1950	93,7 48.558.854	3,4 1.741.430	0,3 274.236
1960	93,1	4,3 3.077.926	=====
1991	83,8 121.800.000	9,05 13.000.000	4,7 8.100.000
2000	73,8 124.980.131	15,45 26.184.942	7,2 12.492.406

Fonte: Cândido Procópio Ferreira Camargo e censo IBGE, 2000, apud Campos (2004, p. 129)

Uma questão que deve ser inicialmente considerada, parte da observação de que na atualidade, “não só as pessoas podem optar por uma outra religião, mas podem continuar optando por outras religiões”. (Pierucci, 2004). O autor defende que a própria opção religiosa dessacraliza-se, na realidade torna-se um ato livre, podendo ser perfeitamente revisável com a mesma intensidade em que ocorreu a mudança. Muito semelhante ao consumo de produtos nos dias atuais: a diversidade de mercadorias é tanta, que o auge do consumir reside na própria experimentação. Ou, em outras palavras, se as promessas de satisfação não forem cumpridas, o consumidor muda rapidamente de marca em busca dos resultados que ele almeja. Com a religiosidade hoje, de acordo com Pierucci (2004), os vínculos tornam-se quase que exclusivamente experimentais.

Nesse sentido, Pierucci (2004) afirma que aqui não cabe perguntar simplesmente o que está acontecendo com o catolicismo. Afinal, desde seus primórdios, a sociologia da religião que se estrutura no Brasil, sempre foi alimentada e fomentada como uma sociologia do catolicismo em declínio.

Todavia, independente de tal sociologia do catolicismo em declínio, é pertinente afirmar que entre os brasileiros, mesmo com o crescimento dos “sem religião”, mais de 90% da população do país professa algum credo, ou adere à alguma religião. A prova disso é contabilizada nas outras religiões fora da faixa representativa dos *católicos*, *evangélicos* e *sem religião*, no que se chamou de “outras religiões”, que importam, juntas, o somatório de 3,6% da população. Estes, em ordem decrescente de fiéis, são: os espíritas kardecistas com 2,3 milhões de adeptos (1,4%); as religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda) com 0,3% da população; as religiões orientais (destaque para o Budismo com 245 mil adeptos contra 181 mil das demais religiões orientais) que empatam com as religiões afro-brasileiras nos mesmos 0,3%; o judaísmo vem em seguida com 101 mil confessos; o islamismo com 18,5 mil adeptos e apenas 0,1% da população brasileira. Por fim, como bem pontua Camurça (2006) destaca-se um “agregado intitulado de “outras religiosidades”, que o autor supõe ter essa denominação por reunir aqueles grupos que não se caracterizam, explicitamente, como religiões, com um percentual de 1,3%, bastante considerável em relação às religiões minoritárias. Dentro dele pode-se discriminar as “religiosidades/espiritualidades esotéricas e “new ages” com 67,2 mil adeptos declarados e as “tradições indígenas autóctones”, com 10,7 mil pessoas. (Camurça, 2006, p. 38)

Diante da diversidade e da amplitude percentual de “crentes” em alguma religião, analisar os índices mensurados pelo IBGE, nos faz perceber que, nos últimos anos, as igrejas pentecostais souberam explorar, de forma eficaz, em benefício próprio, os contextos socioeconômico, cultural, político e religioso do último quarto de século no Brasil, afinal, experimentaram um crescimento superior a 70%. Tal fato pode, em um primeiro momento, nos remeter às contínuas e crescentes crises social e econômica, a ampliação do desemprego, o avanço da criminalidade e da violência, além do próprio “envelhecimento” do discurso católico romano. Estes fatores, entrelaçados a uma acelerada transmissão de idéias, preceitos e doutrinas através dos meios de comunicação de massa, foram ainda adicionados à possibilidade irrestrita para o exercício de um pluralismo religioso não combatido, e até estimulado, além da abertura política e a redemocratização do Brasil. (Mariano, 2003)

Deste modo, ao nos debruçarmos sobre a análise do desenvolvimento contínuo das diversas variáveis sócio-econômicas verificadas nos últimos Censos, abarcando sexo, escolaridade, casamentos, fertilidade, ocupação, renda, etc, descobrimos que apenas algumas delas se transformaram tanto quanto a formatação religiosa da população do Brasil.

¹ Doutoranda em Sociologia e Mestre em Comunicação pela UFPE, professora de Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, onde também coordena o Curso de Comunicação Social. E-mail: k.patriota@gmail.com

² O Instituto de Estudos da Religião (ISER) é uma organização não governamental, que desenvolve projetos de pesquisa, formação e assessoria em quatro áreas temáticas: Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos; Meio Ambiente e Desenvolvimento; Organizações da Sociedade Civil; e Religião e Sociedade. Fundado em 1970 por teólogos e pesquisadores interessados nas relações entre religiosidade e transformação social, o ISER alia inserção no mundo acadêmico e compromisso social, fazendo também pesquisas e trabalhos de consultoria para a orientação e o acompanhamento de programas públicos.

³ Muito embora seja possível afirmar que estes tais não são basicamente ateus, já que nem todos se localizam fora do espaço religioso; apenas podem não estar atrelados a uma instituição característica, constituída de forma denominacional, e nela serem contados como membros colaboradores, mas destes sem religião, boa parte circula facilmente pelo dilatado mercado das ofertas do sagrado.

⁴ Leila Marrach de Albuquerque. Apontada pelo autor, no seu texto, como uma pesquisadora que sinaliza para diferentes portas de entrada para observação dos novos movimentos religiosos. Segundo Guerriero, a autora selecionou, entre as várias portas apontadas, a dimensão da corporeidade na análise das novas religiões, onde “o indivíduo precisa **experimentar**, não necessariamente **crer**”.

⁵ Dados do Censo do IBGE.

⁶ Intitulada de: Desafios do catolicismo na cidade. São Paulo, Paulus, 2002. O CERIS foi criado em 1962, como ato conjunto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), atendendo a uma exigência das ações pastoral e social da Igreja Católica do Brasil.

⁷ Na sociedade urbana contemporânea, ao menos no chamado "Ocidente cristão", o indivíduo escolhe sua religião, sem depender mais da "tradição" de forma quase exclusiva, como nas sociedades pré-modernas. BERGER (1985) falou de um "imperativo herético", no sentido de que todo indivíduo no

contexto atual é "obrigado" a escolher sua religião (heresia tem, originariamente, na língua grega, o significado de escolha). Quem chega à cidade moderna deve escolher a sua religião, que pode ser a mesma da tradição rural (por ex., no Brasil, o catolicismo), reinterpretada em função do contexto urbano, ou pode ser outra.

⁸ Abs – números absolutos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIAZZI, Alberto. As Religiões no Brasil Segundo o Censo de 2000. In: Revista de Estudos da Religião, Nº 2, 2003.

CAMPOS, Leonilso Silveira. Protestantismo brasileiro e mudança social. In: Sociologia da Religião e mudança Social: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. SOUZA, Beatriz Muniz de e MARTINO, Luiz Mauro Sá, (orgs.) São Paulo: Paulus, 2004.

CAMURÇA, Marcelo. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. In: As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas. TEIXEIRA, Fautino e MENEZES, Renata (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GUERRIERO, Silas. A visibilidade das novas religiões no Brasil. In: Sociologia da Religião e mudança Social: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. SOUZA, Beatriz Muniz de e MARTINO, Luiz Mauro Sá, (orgs.) São Paulo: Paulus, 2004.

MARIANO, Ricardo. Secularização do Estado, liberdades e pluralismo religioso. Ciudad Virtual de Antropologia y Arqueologia, 2003. Disponível em: www.naya.hpg.com, consultado em 30.06.06.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. O Protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. 2005. Disponível em: <http://www.antoniomendonca.pro.br/> > acesso em: 04/11/2006.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. In: As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas. TEIXEIRA, Fautino e MENEZES, Renata (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularização e declínio do catolicismo. In: Sociologia da Religião e mudança Social: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. SOUZA, Beatriz Muniz de e MARTINO, Luiz Mauro Sá, (orgs.) São Paulo: Paulus, 2004.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Cadê a nossa diversidade religiosa? In: As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas. TEIXEIRA, Fautino e MENEZES, Renata (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.